

Semiótica das afecções: uma abordagem epistemológica

3

Semiotics of affects: an epistemological approach
Semiótica de los afectos: un enfoque epistemológico

DOI: 10.18226/21784612.v22.n.especial.03

Marcelo Bergamin Conter*
Marcio Telles**
Alexandre Rocha da Silva***

Resumo: O presente texto propõe uma leitura de diversas teorias do afeto pelo viés da semiótica. Partindo do preceito de que é impossível não afetar ou não ser afetado, estabelece alguns parâmetros para definir o que é afeto (diferenciando-se afecção/afeto de emoção, paixão, sensação e até de afeto como compreendido pelo senso comum) para dar conta das dimensões epistemo e ontológica da semiose. Com base em Espinosa, Deleuze e Guattari, ensaia dizer que há, para além de uma capacidade significante, também uma qualidade “sensacional” da semiose, aproximando a processualidade deste fenômeno às cadeias afetivas que devêm de toda afecção.

Palavras-chave: Afeto. Semiótica. Teorias da Comunicação. Espinosa.

Abstract: In this paper, we aim towards an epistemological approach of affects in semiotics. We start from the idea that it is impossible not to affect either not being affected, thus establishing some parameters to define what affect means (without relating it with emotion, passion or sensation). Along these lines, we can handle both epistemic and ontological dimensions of semiosis. Following Deleuze and Guattari, and Espinosa, we present

* Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* bconter@gmail.com

** Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* tellesdasilveira@gmail.com

*** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* ars@ufrgs.br

the idea that the semiosis have a “sensational” quality beyond a signifying capacity, hence bringing the processuality of such phenomenon closer to the affective chains that derive from every affection.

Keywords: Affect. Semiotics. Communication Theories. Spinoza.

Resumen: Este artículo propone una lectura de diversas teorías del afecto desde la perspectiva de la semiología. Suponiendo que no es posible no afectar o no ser afectado, establece algunos parámetros para definir lo que es el afecto (diferenciando el afecto de la emoción, pasión, sensación y incluso afecto tal como se entiende en el sentido común) para dar cuenta de las dimensiones epistemológicas y ontológicas de la semiosis. A partir de Spinoza, Deleuze y Guattari, este trabajo ensaya decir que hay, además de una capacidad significativa, también una calidad “sensacional” de la semiosis, acercando lo procedimiento de este fenómeno a las cadenas afectivas que devienen de toda afecção.

Palabras clave: Afecto. Semiótica. Teorías de la Comunicación. Espinoza.

A proposta deste artigo é estudar as relações entre materialidades – humanas e não humanas – como processos sîgnicos: é no relacionar-se que os objetos se definem. Eles não existem por si, existem apenas em relação. Para emprendermos a análise dessas relações, propomos uma semiótica das afecções.

Afeto é palavra-conceito central na *Ética* de Espinosa¹ que adquire múltiplos significados nas humanidades. Na perspectiva que pretendemos construir, afeto é o signo de uma *afecção*, quer dizer, da ação de um corpo sobre outro, sendo *corpo* tudo aquilo que é capaz de entrar em relação. Dessa forma, todo corpo, seja ele uma sensação, seja um fato, seja uma ideia, comporta diversos *modos*² (ESPINOSA, 2014). Decorre daí que todo signo é altamente fluido, pois os corpos estão sempre sendo afetados por outros, modificados constantemente – eles não se definem por si, mas em relação.

¹ Como é sabido, existem diversas grafias do nome do filósofo holandês. Optamos por seguir a intérprete brasileira Chauí (1999) e suas considerações: portanto, Espinosa é o nome próprio; os termos espinosismo e espinosista reservam-se ao decalque pejorativo de sua filosofia ao longo dos séculos, bem como para sua caracterização como doutrina; e os termos espinosano/espinosana ao emprego que consideramos correto de sua filosofia (cf. a nota de rodapé em Chauí, 1999, p. 21).

² Na definição espinosana, *modos* é aquilo que é e se concebe em *outro*, a partir de afecções.

Essa proposta, acreditamos, é diferente daquilo que tem se refletido sobre afeto, ora como o que escaparia à significação, seja pré-sígnico ou a-sígnico, ora como elemento passional. Como dito, todo afeto é um signo, e toda afecção, que ocorre entre dois ou mais corpos, modifica os signos envolvidos no ato comunicativo. Esse ponto de vista tem caráter epistemológico: diremos que o sentido *advém* do não sentido material. A impossibilidade de não afetar e de não ser afetado é o que pretendemos ensaiar aqui, observando as funções da afecção para estabelecer relações entre essas e a semiose.

Para tanto, começaremos pela definição clássica de afeto em Espinosa. No segundo momento, passamos à interpretação que Deleuze e Guattari ofertam para tal conceito, já embarcados na semiótica. A partir de então, definimos nosso entendimento de *afeto* dentro de uma semiótica das relações.

1 Afeto e afecção em Espinosa

Historicamente, o termo *afeto* habita o mesmo meio semântico que o passional (*pathos*) e o emotivo (*e(x)movere*).³ Tomaremos as definições de Espinosa como parâmetros iniciais para a constituição de uma Semiótica Crítica. Assim, *afecção* indica o processo de choque de corpos (verbo), e afeto expressa as mudanças de estado (substantivo) dentro dos corpos *afetantes*. Logo, compreendemos que toda emoção é um afeto, mas nem todo afeto é uma emoção: há sensações (de frio e de calor), desejos (sede, fome, sono), patologias (gripe), comunicação nos mais diversos níveis (o filme a que assisto me afeta para compreendê-lo, me afeta ao me emocionar, me afeta ao dobrar-me sobre minha própria memória, etc.).

Mais detalhadamente, Espinosa define *afecção* tanto como aquilo que “aumenta ou diminui a potência de agir de um corpo quando afetado, incluindo as mudanças que provoca” (ESPINOSA, 2014, p. 197) quanto como a ideia que a define. Afecção, assim, inclui o processo dos corpos se implicarem, as mudanças sensíveis que tal processo causa no corpo afetado e a ideia proveniente desse encontro. No primeiro postulado do terceiro livro da *Ética* (2014), Espinosa afirma que afetos são “*modos* que aumentam ou diminuem” a potência de um corpo, quer dizer, afetos

³ Fiorin (2007), para um histórico do termo.

são as próprias modificações da substância, e o corpo humano é capaz de experimentar um grande número de modificações e “reter [...] as impressões ou vestígios dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas imagens das coisas”. (2014, p. 198). Ou seja, sempre que um corpo é implicado em outro (afetado), o primeiro deixa no segundo vestígios, sejam eles extensivos – mudanças na matéria – sejam mentais, segundo seu atributo.

Os afetos são, sobretudo, variações de intensidade, que, ora diminuem, ora aumentam a potência (*potestas*) de um corpo. É possível vislumbrar o mecanismo espinosano em funcionamento na resignificação que ele faz das paixões: se, para os antigos, o medo era negativo, ele se transforma em uma paixão alegre (positiva) em Espinosa: ao sentirmos medo, nosso corpo aciona mecanismos que visam a preservar a si próprio, como maior tolerância à dor, adrenalina, maior percepção dos arredores, maior agilidade, etc. (DAMÁSIO, 2004, p. 148).

Para Espinosa (2014), algo mental não pode imprimir mudanças em algo material (*res extensa*) e vice-versa. Mentes pensam e extensões se movem; mas mentes não movem, nem corpos pensam. Todavia, o mesmo objeto pode ser apreendido, ora pelo atributo da mente, ora pelo atributo do corpo: não existem dois objetos opostos, ideal-material, mas antes duas maneiras de conceber o mesmo objeto (corpo e mente são uma só e a mesma coisa). Assim, será apenas outro corpo que provocará o movimento de um corpo; e somente uma ideia irá provocar a mente a pensar, ainda que, no mais das vezes, eles advenham concomitantemente. Assim, a ordem das ações e das paixões do corpo concordam com a ordem das ações e das paixões da mente, ou seja, um único e mesmo afeto é capaz de produzir modificações substanciais na mente e no corpo.

Gostaríamos de enfatizar que, da paixão à emoção, passando pela afeição e pela sensação, todos os termos têm, em comum, a mesma ideia, que pode ser traduzida ainda por outro termo latino: *contagio*, onde *con-* (junto) e *tangere* (tocar, encostar). É preciso que haja contato entre os corpos para que existam afetos, razão pela qual pensamos a comunicação tanto como acontecimento (resultado da mistura de corpos, das afecções) quanto como corpo transformado (afeto). Ambas as dimensões são fundamentais para que se compreendam os processos de significação.

2 Afeto e significação em Deleuze e Guattari

Deleuze (1997, p.156) afirma que Espinosa apresenta na *Ética* três elementos que constituem tanto formas de conteúdo como formas de expressão: os afetos (signos), os conceitos (noções) e os perceptos (essências). Logo, Deleuze dirá que um afeto, ou um *signo*, pode ter vários sentidos, mas será sempre um *efeito* (1997, p. 156) no corpo. Um efeito é tanto “o *vestígio* de um corpo sobre um outro” quanto “o *estado* de um corpo que tenha sofrido a ação de um outro corpo, uma mistura” (1997, p. 156, grifos nossos). Afecção no primeiro caso, afeto no segundo. Dessa forma, coloca-se que afecção é o que acontece na relação entre corpos, no seu encontro, choque no espaço; afeto é o que advém daí, produto da afecção, mudança no modo do corpo, em sua potência, ou seja, os “afetos supõem sempre afecções de onde derivam, embora não se reduzam a elas” (1997, p. 158). Importante é observar que a afecção não é “meramente um efeito de um corpo sobre outro, de forma ligeira, mas também um efeito sobre a própria duração”. (1997, p. 178). Quer dizer: todo encontro no espaço irá produzir um efeito na duração dos corpos afetados, aumentar ou diminuir sua potência ou ambos ao mesmo tempo, e que sobretudo tal mistura de corpos pressupõe o movimento *no e do* tempo – um antes e um depois. Isso posto, em uma primeira viravolta, Deleuze, a partir de Espinosa e em consonância com Saussure, irá afirmar que “os signos não têm por referente direto objetos” (1997, p. 158), quer dizer, não estão para outra coisa externa a eles.

Na segunda viravolta, Deleuze afirma que os signos, ou efeitos, afetos, são sombras dos e nos corpos, estão em suas superfícies, nas bordas. O signo, ou afeto, é aquilo que toca entre um corpo e outro. (1997, p. 159). “Somos, portanto, seres que percebemos a sombra de um corpo sobre o nosso corpo. Só temos refletida a sombra e não o corpo, cabendo a esse o papel do intangível, inacessível. Só conseguimos notar seus efeitos, o claro-escuro”. (TRENTO; VENANZONI, 2014, p. 118). Não é mera questão de mediação, mas sim que aquilo a que os corpos têm acesso não passa dos próprios afetos.

As duas viravoltas de Deleuze são antiplatônicas. Eis que não é a ideia que contemplamos através do referente, “mas os elementos da matéria, por sensação”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 250). A semiótica das afecções seria, portanto, imanente: “A planta contempla contraindo os elementos dos quais ela procede, a luz, o carbono e os sais e se preenche a si mesma com cores e odores que qualificam sempre sua

variedade, sua composição: é sensação em si”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 250). Estamos aqui em um regime muito diferente de significação.

Para Deleuze e Guattari (2010), o mundo todo e todos os corpos já estão significados. No entanto, lhes falta outro corpo que exerça a função significante, para que daí possam emergir signos. Um determinado corpo será significado ou significante dependendo se ele estiver, respectivamente, sendo afetado ou afetando. Dessa forma, um afeto pode ser preenchido por um ou vários sentidos. Não é sentido ainda, porque o sentido só existe no encontro de duas séries. Enquanto é afeto em si e por si, ele é uma série significada. Só com uma série significante é que acontece o sentido. Portanto, o sentido é um incorpóreo, ou melhor, um *intercorpóreo*, pois ele é resultado de afecções entre corpos, o qual altera a natureza de ambos.

Por exemplo: a palavra *árvore* não se refere mais ao objeto árvore, e sim, à afecção da árvore, e o entendimento que tenho quando ouço a palavra é afeto. Mas que afeto é esse? A partir daí, é evidente que ver uma árvore ou o desenho dela, ou ouvir ou ler a palavra *árvore* produzem, todos, afetos muito distintos, sendo, pois, produtos de afecções diferentes; logo, aquilo que imprime os significados são as relações que se criam entre os corpos. E, mais ainda, como no exemplo da planta, não sou afetado apenas pela palavra *árvore*, em qualquer dado momento, mas por uma multiplicidade de outras afecções que produzem, todas elas, afetos em meu corpo ao mesmo tempo.

No nosso entender, os signos não são meramente coisas, nem estão apenas nas coisas: eles também ocorrem entre as coisas. Para os estoicos, “o signo deve ser sempre signo de uma coisa presente, *ele é um julgamento*. [...] deste fato presente, conclui [Bréhier], o signo é este outro fato de *haver uma cicatriz* que é [sic] igualmente presente”. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 41, grifos do autor). Deleuze (2007) completaria dizendo que o signo só acontece porque, assim como há uma série significada preenchida (o fato de ter tido um fermento), há uma série significante vazia (o agente significante – que é afetado pela imagem da cicatriz) desprovida de sentido e que preenche essa casa vazia com o signo que emerge do encontro desses dois corpos.⁴

⁴ Nota-se aqui a importância de Saussure para a linguística e as humanidades, quando elaborou seu modelo *signico* desprovido de objeto referente material ou ideal. O efeito gerado pelo choque entre dois corpos – significante e significado – é um signo.

Em tais parâmetros, para Trento e Venanzoni, todo “o discurso que circula, nas falas, nas imagens, em qualquer coisa da linguagem [e fora dela], do mundo visível, são formas de afecções sgnicas, que guardam em nós uma reação ao objeto que inferiu nosso corpo: um afeto”. (2014, p. 112). Toda comunicação e toda significação é afectiva. Ou, como diria Lacan, “o afeto é a linguagem nos afetando”. (TRENTO; VENANZONI, 2014, p. 119).

Vale notar como, nesse modelo, não há signos onde não há afecção entre corpos. Mais do que isso, não pode haver objeto da semiótica fora de um regime afetivo.⁵ Pudera, o universo todo é formado por corpos que se misturam uns com os outros. Há uma diferença importante a ser demarcada neste momento: o afeto não pode ser entendido apenas como força, intensidade, emoção, sensação, ou qualquer qualidade que possa ser sugerida como não linguageira. Pelo contrário: ele é produto de uma afecção, da ação de um corpo sobre outro.

3 Implicações para uma semiótica das afecções

Em um compêndio sobre teoria do afeto, Gregg e Seigworth (2010, p. 5) introduzem o livro comentando que uma das coisas mais certas que se pode dizer do afeto (bem como de suas teorias) é que ele sempre irá exceder o contexto de sua emergência: suas linhas de fuga sempre engendram novos possíveis. Assim, afetar implica variações de intensidade, atritos e, portanto, nunca ser justo: ou há afecção em demasia ou em carência, e, em ambos os casos, o afeto jamais ocorre na mesma proporção para ambos os lados. Outro ponto recorrente, que parece surgir primeiro em Massumi (2002), é enfatizar a ideia de que o afeto emerge em meio a um entre. Em inglês funciona melhor: “Affect arises in the midst of *in-between-ness*”. (GREGG; SEIGWORTH, 2010, p. 1). Acima, já abarcamos o domínio da “entridade”. Massumi alarga essa concepção: para ele, para que o evento sonoro ocorra, é preciso que exista uma distância entre duas superfícies distintas nas quais o som irá rebater. A vibração de ar mantém sua propriedade em termos de latência e frequência, mas, ao se chocar com corpos paralelos, dobra a si e adquire uma nova

⁵ Essa é uma proposição bem distinta daquelas propostas por teorias das materialidades, da presença ou de outras viradas afectivas.

qualidade: “a ressonância não está nas paredes. Está no vazio entre elas. Ela enche o vazio com seu complexo padrão”. (MASSUMI, 2002, p. 13-14, tradução nossa).⁶ Ou seja, a afecção não é apenas a ação de um corpo sobre outro, mas é também da afecção em si mesma, dobra intensiva, excesso que gera múltiplas linhas de força.

Como já dito, afirmamos ser um corpo qualquer coisa que seja capaz de afetar ou de ser afetado por outro. Um bom exemplo é um feixe de luz: ele pode iluminar ou esquentar um corpo, modificando a forma desse; ou ser rebatido ou ainda absorvido pelo mesmo corpo, tendo sua própria forma modificada. Já os efeitos intercorporais decorrem do encontro de corpos. O corpo tem, então, a capacidade de entrar em relações de movimento e descanso e possui o poder (ou a qualidade) de afetar e de ser afetado (transições de modo, modulações); o reflexo de cada transição é uma variação na capacidade, na mudança de modos nos corpos entre dois instantâneos.

O corpo não absorve apenas pulsos ou estímulos discretos; ele invagina [*infolds*] contextos, volições e cognições que não são nada se não situadas. Intensidade é associal, mas não pré-social – ela inclui elementos sociais mas mistura-os com elementos que pertencem a outros níveis de funcionamento e combina-os com uma lógica diferente. (MASSUMI, 2002, p. 30, tradução nossa).⁷

Nenhum corpo é estático, mas está em movimento constante: mutação, devir. Todo corpo é modificado incessantemente por transformações ocorridas dentro de si próprio (agenciamentos de auto-organização) e transformações efetuadas por corpos externos que o afeta (agenciamentos de desorganização). Convém demarcar, porém, que todo afeto é sempre produto interno, mesmo quando sua causa é externa. É que todo corpo possui elementos organizacionais internos capazes de traduzir a afecção conforme seus próprios atributos e exercer, portanto,

⁶ No original: “But the resonance is not on the walls. It is in the emptiness between them. It fills the emptiness with its complex patterning”.

⁷ No original: “The body doesn’t just absorb pulses or discrete stimulations; it infolds contexts, it infolds volitions and cognitions that are nothing if not situated. Intensity is associal, but not presocial—it includes social elements but mixes them with elements belonging to other levels of functioning and combines them according to different logic”.

as modificações necessárias (para aumentar ou diminuir sua razoabilidade interna). Por exemplo: há parasitas que se desenvolvem em nosso organismo, causando-lhe mudanças, enquanto há outros parasitas que não se desenvolvem, sequer são notados. Percebe-se, portanto, que a qualidade de cada parasita em afetar o ser humano não depende dos atributos do parasita, mas do atributo do corpo humano em ser afetado por determinado parasita e não por outro. Ainda, todavia, existem vírus capazes de alterar as estruturas internas do corpo afetado. É por isso que insistimos que a melhor metáfora para compreender as afecções é a do contágio.

Precisamos avançar no estudo das afecções não apenas como choque entre corpos, mas também enquanto são dotadas de certas propriedades: intensidades, forças, linhas de fuga. O movimento é duplo: cabe apresentar o que Guattari chama de “Quatro Futores Ontológicos” (Quadro 1), pois se, até agora, demonstramos a ocorrência de afecções no nível da matéria (atual e real), é preciso deixar claro que há afecções em todos os pontos da encruzilhada. A (des)organização caosmótica pressupõe mistura de corpos, agenciamento em níveis diversos.

Um movimento importante, na aproximação entre Hjelmslev e Espinosa, o qual Deleuze e Guattari efetuam é o de trocar a equação mente/extensão por conteúdo/expressão. O interesse dos autores não está nos caminhos que cada articulação faz por si, mas em reconhecer o que acontece entre os agenciamentos de conteúdo e de expressão. É na relação entre eles que forças múltiplas agem, se intensificam, e é nesse mesmo território de significação que linhas de fuga geram devires minoritários, inauditos, perpetuando os processos de diferenciação.

Quadro 1 – O agenciamento dos “Quatro Futores Ontológicos”

	<i>Expressão</i> atual (discursivo)	<i>Conteúdo</i> focos enunciativos virtuais (não discursivos)
Possível	discursividade maquínica	complexidade incorporal
Real	discursividade energético- espaço-temporal	encarnação cósmica

Fonte: Guattari (2012, p. 85).

As forças e intensidades, bem dizer, são variantes, potências afetivas no plano de consistência, as quais compõem a complexidade incorporal, caosmos. A matéria não formada se formaliza a partir do choque entre corpos (afecção) com forças e intensidades diferentes entre si e que, em consequência desse agenciamento, passarão a ter forças e intensidades atualizadas capazes de entrar em relação com outros corpos formalizados através de outras afecções. Essa primeira afecção parte (d) a matéria não formada, articulando-a em plano de conteúdo e de expressão, aí já discursividade maquínica: possível e atual.

Podemos dizer, com Deleuze e Guattari que, no lado do conteúdo, há “*agenciamento maquínico* de corpos, ações e de paixões, mistura de corpos reagindo um sobre os outros; por outro lado, [da expressão, há] *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos”. (2011, p. 31, grifos dos autores). As afecções aí são possíveis maquinações intracorpóreas, agenciamentos entre corpos capazes de produzir diferenças neles mesmos, mas que não se findam quando entram em tal relação.

Sendo os afetos a realização da afecção, as mudanças de modo na qualidade de uma discursividade energética espaçotemporal, as mudanças podem ser de duas ordens: ou elas se reiteram, num processo chamado reterritorialização, ou se arrebatam, via desterritorialização. Ao se reterritorializarem, não deixam de modificar novamente seu estado, pois determinadas forças de intensidade potencializam-se; já via desterritorialização, outras forças inauditas emergem, modificando drasticamente as forças. Em ambos os casos, tais mudanças convertem-se em encarnações cósmicas, ou seja, aumentam a capacidade de afecção dos corpos, e não apenas isto: virtualizam novas potências afetivas, materiais, no plano de consistência.

Portanto, as afecções ocorrem sempre em dupla articulação: os afetos que se territorializam nos corpos; as linhas intensivas que, ao mesmo tempo, se desterritorializam e que vagueiam pela “entreidade” (*in-betweenness*) podendo se reterritorializar em corpos os mais distintos. Um mesmo fato pode ter significados diversos, portanto: a cadeia semiótica que se cria (ou se recria) é infinita. Atualizá-la em uma rede de relações, em determinado tempo-espaço é o trabalho do pesquisador – sem perder de vista, todavia, que tal organização é tanto fugidia quanto circunstancial.

4 Blocos de sensações

Perceber, afetar e ser afetado; tudo passa em Espinosa, Deleuze e Guattari pela impressão (eis aqui já um afeto) de que não é possível não perceber e não afetar; fazemos isso constantemente, é nossa condição de subsistência. A isso Deleuze e Guattari chamam de “blocos de sensações”, o composto percepção-afeto. Para eles, sensação não é sinônimo nem para emoção nem para afeto, como usualmente encontra-se na literatura: sensações são, ao contrário, “seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (2010, p. 193) e das quais afeto é um dos elementos constitutivos, e a emoção, um dos produtos possíveis.

A ideia de blocos sensíveis formados por perceptos e afetos advém de Bergson. (MASSUMI, 2002). O filósofo defende que toda atividade humana, incluindo a cognição, produz e é produzida por afeto, além de ser a parte interna dos nossos corpos que misturam as imagens dos corpos externos, como afirmamos. Massumi constata que

Bergson poderia ser lido proveitosamente com Espinosa. Uma das definições de afeto mais básicas de Espinosa é uma “afecção [em outras palavras, um impacto sobre] o corpo, e ao mesmo tempo a ideia de afecção”. Isso começa a soar suspeitosamente bergsoniano se notarmos que o corpo, quando sofre um choque, é descrito por Espinosa como estando em um estado de suspensão passional no qual ele existe mais fora de si próprio, mais na ação abstrata da coisa em colisão e o contexto abstraído daquela ação, do que dentro de si próprio, e se for notado que a ideia em questão não é apenas não-consciente, mas não em primeira instância na “mente”. Em Espinosa, somente quando a ideia de afecção é dobrada por uma ideia da ideia de uma afecção é que ela atinge o nível de reflexão consciente. (2002, p. 31, tradução nossa).⁸

⁸ No original: “Bergson could profitably be read together with Spinoza. On of Spinoza’s basic definitions of affect is an ‘affection [in other words an impingement upon][the body, and at the same time the idea of the affection’ (emphasis added). This starts to sounding suspiciously Bergsonian if it is noted that the body, when impinged upon, is described by Spinoza as being in state of passional suspension in which it exists more outside of itself, more in the abstracted action of the impinging thing and the abstracted context of that action, than within itself, and if it is noted that the idea in question is not only not conscious but not in the first instance in the ‘mind’. In Spinoza, it is only when the idea of the affection is doubled by an idea of the idea of the affection that it attains the level of conscious reflection.”

Há uma última aproximação que nos parece interessante ser proposta: entre a ideia de dobra afetiva, como sugerida por Massumi ao ler Espinosa, e a ideia de semiose, como proposta pela semiótica. Embora seja comum pensar na semiose como um procedimento da ordem do sentido, como um processo de signos significantes que remetem, infinitamente, uns aos outros, no estilo Lewis Carroll, talvez possa se pensar em uma qualidade *sensacional* da semiose. Logo, o produto e o objeto da arte, o que dela se conserva, seriam o que Deleuze e Guattari chamam de “blocos de sensações”. “O artista cria blocos de perceptos e de afetos” (2010, p. 194), e esse deve sustentar-se sozinho, colocar-se à prova do tempo: as obras de arte profícuas são inesgotáveis. Não é questão de hermenêutica: não há sensações que possam ser esgotadas interpretativamente, mas obras de arte que se conservam, pois suas sensações estão sempre entrando em relação, criando novos afetos, participando de outras afecções. A criação não se esgota no ato criativo, ao contrário, começa nele.

Nota-se que isso não implica criar uma dicotomia entre sentido (significação) e sentido (sensorialidade). O que temos aqui é uma *entredade* de ambos, uma brincadeira típica de Carroll do tipo: *mas se A significa B, e B, C, e C significa D, haverá alfabeto o suficiente para o final desses significados?* Assim, ocorre não apenas uma cadeia hermenêutica de semiose, mas também uma cadeia afetiva de semiose que se estabelece na relação: cada letra se afeta noutra(s) letra(s); a sentença afeta os princípios da lógica, pois sua estrutura dirige-se ao não sentido; e o leitor é afetado por um texto que se pretende para além de sua forma, criar não sentidos aberrantes, vertiginosos, produzindo blocos de sensações. Eis a dimensão propriamente afetiva da comunicação, uma semiótica das relações: uma semiose que implica encontro de corpos não redutíveis a quaisquer perspectivas logocêntricas, ainda que delas faça também parte.

REFERÊNCIAS

- CHAUI, M. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 2 v.
- DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34. 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011. v. 2.
- ESPINOSA [SPINOZA], B. 1677/2014. *Obra Completa IV: ética e compêndio de gramática da língua hebraica*. Org. de J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano. Trad. de J. Guinsburg, Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FIORIN, J. L. Paixões, Afetos, Emoções e Sentimentos. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 1-15, dez. 2007.
- GREGG, M.; SEIGWORTH, G. An inventory of shimmers. In: _____. *The affect theory reader*. Durham: Duke University Press, 2010. p. 1-25.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- MARCONDES FILHO, C. *O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação: nova teoria da comunicação II*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MASSUMI, B. *Parables for the virtual: movement, affect, sensation*. Durham: Duke University Press, Durham & London, 2002.
- TRENTO, F.; VENANZONI, T. Afetos contemporâneos e comunicação. *Rumores*, v. 8, n. 16, p. 109-128, jul./dez. 2014.

Submetido em 10 de outubro de 2016.

Aprovado em 31 de outubro de 2016.